

ESTUDOS DE JORNALISMO

// setembro // n.º 4 // 2015 //

CIBERJORNALISMO: 20 ANOS *MADE IN PORTUGAL*



// FICHA TÉCNICA //

Revista *Estudos de Jornalismo*

Número 4

ISSN: 2182-7044

Site: www.revistaej.sopcom.pt

Contacto: revistaestudosjornalismo@gmail.com

// EDITOR //

Pedro Jerónimo

// SUB-EDITORIA //

Nair Moreira Silva

// CONSELHO EDITORIAL //

(Membros do GT Jornalismo e Sociedade da SOPCOM)

António José Ferreira Bento (Univ. da Beira Interior)

Felisbela Lopes (Univ. do Minho)

Francisco Rui Cádima (Univ. Nova de Lisboa)

Hália Costa Santos (Escola Sup. de Tec. de Abrantes)

Helena Lima (Univ. do Porto)

Joaquim Fidalgo (Univ. do Minho)

João Carlos Correia (Univ. da Beira Interior)

Jorge Pedro Sousa (Univ. Fernando Pessoa)

Manuel Pinto (Univ. do Minho)

Rogério Santos (Univ. Católica Portuguesa)

// DATA //

Setembro 2015

// LOCAL //

Porto

// ORGANIZAÇÃO //

Coordenação do GT Jornalismo e Sociedade da SOPCOM

// NOTA EDITORIAL // Textos, imagens e referências
são da responsabilidade dos autores.

Foto de capa da autoria de Ana Isabel Reis.

Índice

Introdução

António Granado e Fernando Zamith 5

Dossier temático

Das utopias à realidade: Um olhar sobre duas décadas de ciberjornalismo

Helder Bastos 9

“Tabloidização” das notícias e a reconfiguração de valores do jornalismo contemporâneo

Tarcineide Mesquita 19

Credibilidade nas Redes Sociais: Os jornalistas portugueses aos olhos da audiência

Cátia Mateus 37

Vinte anos de Zero Hora na internet (1995-2015)

Luciana Mielniczuk, Alciane Baccin, Marlise Brenol, Maíra Sousa e Priscila B. Daniel 53

Jornalistas no *facebook* ignoram critérios de apuração da notícia: O caso da “bananeira” fora de contexto

Beatriz Dornelles e Patrícia Specht 67

Tema livre

Mudanças estruturais e ensino de jornalismo: Os desafios dos professores nos novos rumos do jornalismo

Boaneges Balbino Lopes Filho e Rafael Pereira da Silva 83

Considerações sobre a profissão de Jornalista. A pluriespecialização, o gatekeeping, o jornalismo de cidadão e colaborativo

Tiago Lima Quintanilha 99

O Jornalismo Mestiço de Gabriel García Márquez

Matheus Torreão Farias 121

Recensões

Duas décadas de ciberjornalismo na Ibero-América

Pedro Jerónimo 137

Pensamento Comunicacional Brasileiro: A Emergência Epistemológica das Ciências da Comunicação no Brasil

Élmano Ricarte de Azevêdo Souza 141

Introdução

Editores convidados:

António Granado

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
antgranado@gmail.com

Fernando Zamith

Faculdade de Letras da Universidade do
Porto
zamith@gmail.com

Este número da revista *Estudos de Jornalismo* comemora os 20 anos do ciberjornalismo em Portugal. Não foram, não estão a ser, tempos fáceis para o jornalismo. Esmagadas por um modelo de negócio que caminha para o seu fim, as redacções portuguesas sabem bem o que passaram nestes últimos anos com a redução de efectivos, os cortes de despesas, o sedentarismo forçado, a queda de leitores, ouvintes e telespectadores.

O círculo vicioso em que entraram muitos órgãos de comunicação, incapazes de reagir em tempo às mudanças de paradigma trazidas pela Web, arrastam consigo a própria profissão de jornalista e transformam muitos dos seus executantes em “operários obedientes, estudantes atenciosos, leitores ingénuos de notícias sensacionais, gente pouca, pouca e seca”, como escrevia o poeta.

Se no início a Web trazia consigo promessas de um mundo melhor e mais diverso, com acesso quase infinito às fontes de informação, a verdade é que se tem vindo a transformar numa gigantesca máquina fotocopiadora, onde quase nenhum órgão de comunicação quer deixar de falar no último vídeo viral, de recontar o que os outros já contaram melhor, de ceder ao todo-poderoso abismo do clique, convencido de que a sobrevivência depende de títulos que não dizem nada mas tentam obrigar os leitores a abrir os textos.

No artigo inicial que abre este número, Helder Bastos – que há precisamente 20 anos trabalhava na redacção do *Jornal de Notícias*, o primeiro jornal português a colocar a sua edição na Web – fala-nos do fim das utopias do ciberjornalismo e do choque duro com a realidade. E acrescenta-lhes previsões não muito animadoras: “Deterioração geral das condições de trabalho dos jornalistas e ciberjornalistas, precarização, desvalorização do valor do trabalho jornalístico, aumento da exigência de aptidões múltiplas e do cumprimento de diversas tarefas em simultâneo, pressão do *deadline* contínuo, sedentarismo, baixos níveis de interactividade, ausência de fontes próprias e de investigação”, escreve o autor. “Em conjunto, estas distopias poderão vir a ser sinónimo de um jornalismo na rede mais pobre, superficial,

supérfluo, inofensivo para os poderes estabelecidos, irrelevante no contexto da democracia e do debate público.”

No mesmo sentido, parece ir também o artigo de Tarcineide Mesquita, que consiste numa revisão de literatura acerca da tabloidização e da forma como esta prática tem vindo a ganhar espaço no jornalismo contemporâneo. A “mudança de conteúdo orientada para os tipos e formatos do entretenimento, e de prioridade verbal para a visual”, como escreve a autora, é clara em muito do ciberjornalismo da actualidade, mais interessado em *soft news* – “notícias que dizem respeito a fraquezas humanas” – do que em *hard news* – “apresentações factuais de ocorrências consideradas noticiáveis”.

Cátia Mateus, no artigo que se segue, vem colocar o dedo numa das feridas mais abertas pelos últimos anos de deriva do jornalismo, tal como o conhecíamos: a própria credibilidade do jornalista. Na sequência de um inquérito efectuado a utilizadores das redes sociais, a autora tira algumas conclusões que deviam arrepiar qualquer jornalista com carteira profissional: “71,9% dos seguidores de jornalistas nas redes sociais (a maioria acompanhando ou subscrevendo apenas as partilhas públicas dos jornalistas) [identificam] entre os profissionais que seguem partilhas, comentários ou opiniões, capazes de colocar em causa o dever de imparcialidade que lhes é exigido, e 66% [confirmam] que a actuação de um jornalista nas redes sociais já gerou um impacto negativo na sua opinião em relação à sua credibilidade.”

Num ambiente sedentarizado e cada vez mais dependente das redes sociais, acontece mesmo que os mais básicos princípios da profissão jornalística são esquecidos, como nos demonstram Beatriz Dornelles e Patrícia Specht, no artigo que se segue. A partir de um episódio de um vídeo da jornalista Gabriella Bordasch plantando bananeira, publicado no Facebook e convertido em notícia nos meios tradicionais, as investigadoras concluem, “não sem preocupação, que o processo resultou, na maior parte dos casos, em produto jornalístico distorcido, com alto grau de imprecisões, sem checagem das informações e sem depoimento da principal fonte da notícia.”

No último artigo temático deste número, Luciana Mielniczuk, Alciane Baccin, Marlise Brenol, Maíra Sousa e Priscila Berwaldt Daniel apresentam-nos a história do jornal Zero Hora, recolhendo entrevistas e documentos importantes que descrevem a implantação e o seu percurso na Web entre 1995 e 2015. Este trabalho de reconstituição histórica de uma viagem com altos e baixos pode certamente servir de inspiração a outros trabalhos do género, envolvendo outras redacções, de forma a poder um dia escrever-se, com mais qualidade e profundidade, a história do jornalismo na Internet.

Na segunda parte deste número, Boaneges Balbino Lopes Filho e Rafael Pereira da Silva discutem os reflexos das mudanças no campo dos *media* no ensino do jornalismo, defendendo a criação de “procedimentos, disciplinas, metodologias de ensino e aprendizado, e processos pedagógicos que levem em conta [a] natureza fluída do jornalismo contemporâneo [...] e leve

em conta o jornalismo enquanto prática social, inserida em diferentes contextos de produção, onde o presente é particularmente marcado pela ruptura dos limites espaciais e temporais que caracterizavam as práticas jornalísticas na modernidade". Um desafio aos professores de jornalismo, que vivem num tempo de mudança acelerada e correm atrás de um alvo em constante movimento.

O outro artigo deste número, da autoria de Tiago Lima Quintanilha, fala da pluriespecialização, do gatekeeping e da emergência do chamado jornalismo de cidadão e colaborativo, a partir de um conjunto de dados extraídos do Barómetro Desafios do Jornalismo (2010 e 2012), publicado pelo OberCom (Observatório da Comunicação). Neste texto, o autor chama a atenção, entre outros aspectos, para o próprio desencanto dos jornalistas portugueses com a profissão que exercem: "[Em] 2012, cerca de 83% dos inquiridos viam com pessimismo o futuro dos diferentes órgãos de comunicação social, sendo que, para cerca de 65% dos inquiridos, existiam, de alguma forma, ameaças de médio prazo à própria continuidade do órgão de comunicação social para o qual trabalham."

O último artigo deste número é uma apreciação do "Jornalismo Mestiço" de Gabriel García Márquez, escrita por Matheus Torreão Farias. O trabalho debruça-se sobre a obra jornalística do escritor colombiano para concluir que as "suas reportagens nos colocam em um lugar privilegiado para perscrutar as incertas fronteiras entre o jornalismo e a literatura. Desafiando as margens do real e do mágico, do fato e da ficção, da razão e da fé, a escrita de García Márquez reflete o lugar de tensão que ocupa o carácter "mestiço" particular à cosmovisão do continente."

A primeira recensão retoma a temática deste número da Estudos de Jornalismo, com a análise de uma obra bem recente de um dos mais conceituados especialistas da área, Ramón Salaverría, "Duas décadas de ciberjornalismo na Ibero-América". De uma temática mais abrangente, a revista fecha com uma recensão do livro "Pensamento Comunicacional Brasileiro: a Emergência Epistemológica das Ciências da Comunicação no Brasil", organizado por José Marques de Melo e Guilherme Moreira Fernandes.